

Citricultores Ecológicos, um Olhar Sobre a Transição: o Caso dos Agricultores da Cooperativa ECOCITRUS

Citrus Ecological Farmers, a Look at the Transition: the Case of Farmers of the Cooperative ECOCITRUS

SOUZA, Juliane marques. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – UFRGS, juliane.marques.souza@gmail.com; DAL SOGLIO, Fábio. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – UFRGS, fdsoglio@ufrgs.br

Resumo

A fase de transição, por ser cheia de dificuldades, apresenta-se como um “divisor de águas” entre aqueles agricultores que seguem na implantação de práticas alternativas de produção, bem como no redesenho dos agroecossistemas, e aqueles que abandonam esse objetivo e retornam ao sistema convencional. Essas dificuldades, por sua vez, podem configurar-se, mesmo que implicitamente, como motivadoras da permanência dos agricultores rumo à transformação de seus sistemas de produção. É o caso da “aceitação” por parte de parentes e amigos, apontada pelos citricultores ecológicos da cooperativa ECOCITRUS como uma das principais causas de sucesso ou insucesso nos primeiros anos de adoção da produção alternativa. Uma análise cuidadosa apontou que a aceitação social mostrou-se, por suas implicações, como fonte de motivação para a permanência no processo de transformação da lógica produtiva, levando essa resistência para além dos possíveis benefícios econômicos e ambientais oriundos da produção alternativa.

Palavras-chave: Produção alternativa, Motivação, Aceitação social.

Abstract

The transition phase, to be full of difficulties, is a “divider of waters” between those farmers that follow in the implementation of alternative practices of production, and in the redesign of agroecosystems, and those who leave this objective and return to conventional system. These difficulties, in turn, can set up, even implicitly, as the motivation of the persistence of farmers towards the transformation of their production systems. This applies to the “acceptance” of friends and family identified by the citrus ecological farmers, of the ECOCITRUS cooperative, as a major cause of success or failure in the early years of the adoption of alternative production system. A careful analysis pointed out that the social acceptance has proved because of its implications, as a source of motivation to follow in the transformation of the productive logic, leading the resistance to beyond the possible environmental and economic benefits from the alternative production.

Keywords: *Alternative production system, Motivation, Social acceptance.*

Introdução

A transição de sistemas convencionais para sistemas agroecológicos de produção tem, por característica, algumas adversidades pelas quais os agricultores terão que passar, inevitavelmente. Essas dificuldades variam tanto em relação às perspectivas compartilhadas pelos agricultores inseridos no processo quanto pela complexidade de transformação do agroecossistema desejado. A transição, nesse contexto, atua como um “divisor de águas”, onde por um lado estarão aqueles que seguirão em busca de um sistema de produção ecológico e, por outro, aqueles que desistirão e retornarão ao sistema convencional de produção.

Olhar as dificuldades encontradas pelos agricultores, por si só, traz importantes contribuições na

Resumos do VI CBA e II CLAA

busca do entendimento dessa fase, dando subsídios para que os impactos sejam, na medida do possível, minimizados, incentivando mais agricultores a seguirem no processo. Ao mesmo tempo, olhar essas adversidades, enquanto motivadoras, fortalecendo os laços entre o agricultor e sua escolha de participar da transformação da lógica produtivista já consolidada, pode mostrar-se como um ponto de análise diferenciado e enriquecedor.

Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é explorar em que medida uma dificuldade reconhecida pelo agricultor, na transição agroecológica, pode mostrar-se enquanto fonte que fomenta a mudança, bem como enquanto um estímulo que vai além daquilo que parece ser lógico e racional, com base na experiência vivenciada pelos agricultores da ECOCITRUS.

Metodologia

O local escolhido para o desenvolvimento dessa pesquisa foi a Cooperativa de Citricultores Ecológicos do Vale do Caí (ECOCITRUS), localizado nas proximidades da região metropolitana de Porto Alegre, RS. Essa cooperativa, que existe desde o ano de 1994, é um exemplo bem sucedido da transformação do sistema convencional de produção de citros em outro ecológico, onde a maior parte dos associados já passou pelos primeiros anos de transição há algum tempo, tendo hoje a produção e comercialização estabilizadas.

A ECOCITRUS possuía, na época da pesquisa 51 agricultores no quadro associativo, dos quais 12 participaram desse estudo respondendo a entrevistas semi-estruturadas, assim como seus familiares, totalizando 21 entrevistas. Como técnica complementar para a coleta de dados realizou-se observação não-participante, com as informações registradas em diário de campo. As entrevistas realizadas foram gravadas em meio digital e analisadas no programa QSR NVivo®.

Resultados e discussão

O momento mais difícil... foram os primeiros cinco anos, caiu muito a produção e a fruta de baixa qualidade. Até que a própria terra e o arvoredo se adaptou, porque ele teve que se adaptar no meio do mato também (Entrevistado n°4).

Dentre todas as dificuldades vivenciadas pelos agricultores durante os primeiros anos em que adoram praticas agrícolas diferenciadas, buscando alcançar um sistema de produção ecológico, aquela representada no trecho de entrevista acima é, com certeza, a mais recorrente.

Da análise dos dados coletados junto aos citricultores associados à ECOCITRUS, surgiram, além da *baixa produtividade* ilustrada acima, outros pontos considerados relevantes pelos entrevistados, enquanto dificuldades enfrentadas durante a transição. Essas dificuldades concentraram-se, basicamente, nos seguintes temas: *falta de mercado diferenciado para o produto orgânico*, uma vez que esse teve que ser conquistado paulatinamente pela cooperativa; a *crise geral da citricultura* que atingiu produtores orgânicos e convencionais provocando a queda acentuada do preço da fruta; a *desorganização do grupo* que teve que aprender a trabalhar em conjunto e se apropriar dessa nova forma de produzir; a *mudança de comportamento* por parte desses agricultores, que estavam inseridos em outra lógica de produção; e, por fim, da *escassez de mão-de-obra*, uma vez que o pomar orgânico, segundo os entrevistados, demanda mais trabalho.

No entanto, a segunda adversidade mais recorrente na fala dos agricultores, e que não foi mencionada acima, é aquela que mais elementos oferece para a análise proposta. A *“aceitação”*, por parte dos amigos e dos parentes, dentre todas, é aquela que aparece como ponto surpresa na análise dos dados, não só por sua recorrência, mas também pelas implicações sociais que traz consigo.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Um olhar mais cuidadoso sobre o significado dessa problemática para os agricultores torna fácil a compreensão e até mesmo a explicação dessa recorrência. Nesse sentido, a “*aceitação*” faz emergir na interpretação dos dados os conflitos que as mudanças acarretam quando agem sobre práticas já consolidadas. No caso dos agricultores da ECOCITRUS a mudança na forma de praticar a citricultura trouxe muito mais do que a negação ao pacote tecnológico implementado e consagrado para a agricultura, mas trouxe também uma nova forma de entender as práticas agrícolas, bem como suas relações com a sociedade e com ambiente.

Segundo Moreira e Simões do Carmo (2004) a agricultura ecológica prevê a transformação da sociedade como um todo. Essa mudança vem, não só através da construção participativa de tecnologias - que no caso da ECOCITRUS se refletiu na criação de uma usina de compostagem e, mais tarde, em uma agroindústria - como também da incorporação dessas novas práticas no “acervo cultural dos saberes e ao sistema de valores próprios de cada comunidade [...]” (MOREIRA; SIMÕES DO CARMO, 2004, p. 42), convergindo, desse modo, em uma mudança de paradigma para o desenvolvimento rural, no qual a Agroecologia vem se mostrando como ciência basilar (CAPORAL, 2006).

A disposição desses agricultores em organizar-se a fim de construir uma nova racionalidade produtiva “fundada nos potenciais da natureza e da cultura”, Leff (2001, p. 67) os expôs ao julgamento da sociedade, principalmente dos familiares e dos amigos, tal qual exemplifica o trecho a seguir: O momento mais difícil foi quando eu quis entrar, no período de transição que eu entrei na agroecologia, a questão da aceitação aqui com o pai, aqui dentro da família, foi o período mais difícil [...] (Entrevistado nº7).

Esse julgamento é entendido como um desafio por parte do agricultor, uma vez que, ao criar desconfiância a partir de sua decisão, coloca em risco uma série de relações sociais previamente constituídas. Essas relações, calcadas em estruturas de reciprocidade (ajuda mútua e compartilhamento de recursos), produzem, segundo Temple (1997 apud SABOURIN, 2006) tanto valores materiais de uso quanto valores humanos, tais como a amizade, a responsabilidade entre gerações, a confiança, entre outros. Portanto, o enfraquecimento dessas redes sociais significariam perdas consideráveis para esses agricultores.

No meio rural, onde as relações de parentesco são, na maioria das vezes, muito fortes, e fundamentais para a reprodução social dos agricultores, a aceitação e a proteção da família tornam-se peças-chave nas relações sociais. Estar desacreditado enquanto agricultor e administrador de sua propriedade, faz recorrer sobre sua família o julgamento público, uma vez que aquela, segundo Wolf (2003, p. 100) “[...] é uma instituição que envolve a pessoa como um todo”.

Nesse contexto, a necessidade de obter sucesso diante da decisão de mudar o sistema de produção põe em jogo a ‘honra’ desses sujeitos. Segundo Wolf (2003, p. 101), “o conceito de honra em seu aspecto horizontal, implica uma quantidade fixa de reputação [...]”. Essa reputação pode aumentar ou diminuir de acordo com a interação competitiva com os outros. Essa interação, por sua vez, estabelece o que Wolf chama de “crédito-social”. O risco de reduzir ou perder esse crédito faz com que o fracasso na transição torne-se insustentável para esses agricultores em todos os seus aspectos sociais. A partir de então, a *aceitação* transforma-se em um forte motivo para suportar e superar as demais adversidades impostas pela fase de transição, assumindo, portanto, um papel nem sempre explícito.

Uma vez obtido o sucesso, a honra e o respeito do agricultor são reafirmados. As relações

Resumos do VI CBA e II CLAA

sociais, por sua vez, são expandidas e passam a incorporar não só aqueles que já faziam parte dessa rede social, mas também outros sujeitos que se uniram e juntos participaram do processo de transformação do sistema produtivo. Transformações estas que foram muito além dos limites físicos de suas propriedades.

Conclusões

Dentro das adversidades, portanto, podem-se encontrar motivações que, por não mostrarem-se explicitamente, são relegadas ao segundo plano em muitos estudos em que se buscam desvendar as peculiaridades que cercam os primeiros anos da adoção de práticas alternativas de agricultura. A “*aceitação social*” enquanto dificuldade recorrente é um exemplo onde relações sociais podem ser por vezes, mais influentes do que os próprios desejos e aspirações dos atores individuais. Nesse sentido, explorá-la enquanto objeto analítico desvenda um mundo aparentemente despercebido, mas profundamente atuante, que vai além dos possíveis benefícios econômicos e ambientais oriundos da produção alternativa.

Referências

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CONTI, I. L.; PIES, M.; CECCONELLO, R. *Agricultura familiar: caminhos e transições*. Passo Fundo: IFIBE, 2006. p. 174-208.

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001. 343 p.

MOREIRA, R. M.; SIMÕES DO CARMO, J. D. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. *Agricultura em São Paulo*, v. 51, n. 2, p. 37-56, jul./dez. 2004.

SABOURIN, E. Práticas sociais, políticas públicas e valores humanos. In: SCHNEIDER, S. (Org.). *A diversidade da agricultura familiar*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. p. 215-239.

WOLF, E. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO, G. L. (Orgs.). *Antropologia e poder*. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 2003. p. 93-114.